



## *O professor Miranda*

**A** aldeia das Flores, apesar de não ser grande e de a maior parte das casas serem velhas, feitas em grandes pedras sobrepostas e enegrecidas pelo tempo, era muito conhecida.

Ninguém sabia explicar a razão da aldeia se chamar das Flores.

Talvez fosse por ter muitas árvores, umas velhas e já frondosas, outras novas e ainda pequenas, mas todas floridas na primavera, com flores de várias cores e vários tamanhos. Ou, quem sabe, por a maior parte das casas terem vasos, às vezes, panelas de ferro já velhas, ao pé das portas e das janelas. Ninguém sabia explicar. Mas uma coisa era certa: desde sempre, do tempo das pessoas mais velhinhas, aquela terra de sol, mas também de muita neve, se chamou a aldeia das Flores.

A escola primária da aldeia ficava na Bouça das Giestas. A toda a volta havia canteiros para as flores. A rapaziada não se cansava de plantar bolbos, semear, mondar, regar. Tinham gosto em fazer aquele trabalho, não fossem habitantes da terra das Flores! Quem ensinava na escola era a D<sup>a</sup> Maria, uma senhora um pouco gorda, que de ano para ano foi ficando mais idosa, lentamente, quase sem ninguém notar. Foram muitos os anos, mais de trinta, em que a D<sup>a</sup> Maria ensinou naquela escola. Uma escola velhinha, onde todas as carteiras eram remendadas.

Mas um dia, a senhora já de cabelos brancos como neve, anunciou com voz fraca:

— No próximo ano, já não serei a professora desta escola... Estou cansada, estou velha... O Estado deu-me a reforma...

E assim foi. Com uma lágrima, com muitas lágrimas, a D<sup>a</sup> Maria despediu-se daquela casa velha, com pouca luz, onde ensinara meninos durante mais de trinta anos.

Alguns desses meninos cresceram e já estão casados e com filhos. A D<sup>a</sup> Maria costumava dizer, quando os seus alunos lhe iam mostrar um bebé agarrado à chupeta:

— Ai, estou velha!...

— Não diga isso, D<sup>a</sup> Maria!

Mas ela bem sabia que lhe diziam aquelas palavras para serem amáveis. Sentia-se envelhecer. Foi a D<sup>a</sup> Maria para sua casa. Toda a gente dizia que era difícil haver uma professora tão amiga dos alunos e perguntavam:

— Como será a nova professora? Como será ela?...

Mas ninguém sabia explicar.



Foi num domingo à tarde. Era o primeiro dia de setembro.

As pessoas reuniam-se no Largo da aldeia, sentadas nas pedras que por lá havia espalhadas. As mulheres remendavam roupas, os homens fumavam e falavam do tempo e das colheitas. As crianças jogavam à macaca, ao *rou-rou*:

*Rou-rou*

*galinha choca*

*já'cordou*

*quantos ovos ela pôs*

*como o diabo levou!*

*um... dois... três...*

E contavam até vinte. Enquanto um dizia "rou-rou", os outros meninos escondiam-se. ...dezanove... vinte!... Rou-rou, já VOUUUUUU! Só o senhor Jerónimo, o marido da D<sup>a</sup> Maria, fumava cachimbo e lia o jornal, muito atento. Quando era notícia importante lia-a em voz alta, vagarosamente, para que todos pudessem perceber.

Naquela tarde de setembro, o senhor Jerónimo disse:

— Ouçam, ouçam! Escutem o que vem aqui, no jornal:

*A VILA TEM MAIS UMA FÁBRICA. ABRE BREVEMENTE*

— A Vila?

— Sim, respondeu o senhor Jerónimo, ora escutem! — E leu: *"A Vila tem mais uma fábrica.*

*Pouco tempo falta para a Vila acordar com mais uma chaminé a deitar fumo. O senhor Presidente da Câmara da Vila disse ao nosso jornal:*

*— "Queremos que a Vila seja cada vez mais uma terra de progresso, uma terra civilizada, para o bem de todos nós."*

*O senhor Presidente pensa que a fábrica abre muito em breve. Afirmou:*

*— "Só faltam os esgotos. Mas amanhã mesmo começar-se-á a abertura duma rota que levará esses esgotos para o rio das Flores, junto à aldeia das Flores".*

— Mas isso é formidável! A Vila fica bem pertinho da nossa aldeia!

— Que engraçado! O jornal fala do nosso rio...

E outros comentários as pessoas fizeram, uns, na esperança de arranjar trabalho, outros, por gostarem de ver o nome da Vila, da aldeia das Flores e do rio, naquele jornal de muitas

notícias. Estavam bastante animados quando, no Largo da aldeia, apareceu um carro de aluguer. Dentro do carro, além do senhor Zé — o motorista — vinha um senhor que ninguém conheceu. Tinha barbas compridas e usava óculos.

Evidentemente que a conversa acabou, as pessoas ficaram caladas, tentando reconhecer aquele sujeito que tinha saído do carro e ajudava o senhor Zé a tirar as malas. Viram-no pagar. Certamente deu uma gorjeta, porque o senhor Zé começou a rir, agradeceu muito, meteu-se no carro, acelerou e em breves instantes desapareceu. Com as malas na mão, e eram muitas, o senhor passou as mãos pelas barbas e dirigiu-se ao grupo ali reunido:

— Boa-tarde. É aqui a aldeia das Flores, não é verdade?

— É sim. — Adiantou-se o senhor Jerónimo.

— Bem, é que eu sou o novo professor da escola desta terra...

Todos, mas todos ao mesmo tempo, deram um salto.

— Sou sim. Chamo-me Miranda, professor Miranda.

Depois foi uma grande confusão para arranjar um quarto para o novo professor...

— Sabe, senhor professor, aqui não há quartos. O melhor é ir alugar um na Vila. Consta que lá há. E dos bons!...

— Obrigado. Mas, se fosse possível, eu gostaria de ficar nesta aldeia...

— E quem terá um quarto?

— Eu não! Ainda precisava de mais dois...

— Tenho uma ideia, disse o senhor Jerónimo, vamos falar com a senhora Juliana e o Ti Carvalheira. Talvez aluguem aquela casinha pintada de azul que tem um quarto e uma sala pequena.

— E até tem luz elétrica! lembrou uma velhinha.

A senhora Juliana e o Ti Carvalheira aceitaram a proposta.

— Porque não?! Se o senhor professor quer ficar ao pé de nós, cá o receberemos com muito gosto!

Os rapazes pararam as brincadeiras e ajudaram a levar as malas.

Mais tarde veio uma camioneta de carga com muitos caixotes e embrulhos para o professor Miranda. Alguns eram pesados e foram os homens que pegaram neles às costas. “Que irá aqui dentro, que pesa mais que ferro?!...”, perguntaram os homens para os seus botões. Os meninos e as meninas correram a avisar os companheiros que não estavam no Largo. Alguns andavam com as cabras e as ovelhas no pasto.

— Ei, ei! Temos um professor novo!

— Um professor?!... Uma professora!

— Não, um professor, até tem barbas compridas. UM PRO-FE-SSOR!

— É novo?

— Claro que é. E tem uns óculos grandes. Vocês hão de ver!...



No primeiro dia de aulas, muito antes da hora, lá estavam os alunos, curiosos por ouvir o novo professor, que também apareceu bem cedo. Contou uma história com tantas aventuras como nunca tinham ouvido! Foi uma maravilha! A D<sup>a</sup> Maria era uma boa senhora, ensinava aquelas coisas da escola, mas o professor Miranda sabia contar histórias! A rapaziada ficou contente e, daí em diante, todos os dias vinham em grandes correrias, a ver quem chegava primeiro à escola.

As pessoas da aldeia das Flores comentavam:

— Quem diria que era tão amigo das crianças?!...

— E dizem que sabe contar cada história mais bonita!!!...

— E fazem passeios, recolhem tudo que podem. Até pedras levam para a escola!...

— Pedras?!... Para quê?

— O meu Chico diz que é para fazerem experiências, jogos, eu sei lá!

— No nosso tempo não era assim...

— Os tempos são outros... Você já reparou na sala da escola, já espreitou lá para dentro?

— Eu não!

— Então vá lá, e veja como aquela sala está mudada! Têm desenhos e pinturas a cobrir as paredes, flores por todo o lado eu sei lá quantas coisas mais!...

— Olhe que um dia hei de passar por lá!

— Ó comadre, você já reparou?

— O quê?

— Olhe, uma noite fui com o meu marido, o Joaquim, levar uma saca de milho ao moinho...

— Sim.

— Era quase meia-noite quando saímos de casa, toda a gente dormia...

— Pois. Temos de nos deitar cedo, cansados como andamos. Noutras terras há cinemas e televisão para as pessoas se divertirem. Mas nós aqui, nesta aldeia, não temos nada...

— Escute comadre! Só havia uma única luz acesa. E sabe onde?... Em casa do senhor professor Miranda!...

— E então?!

— Então?!... Quando viemos do moinho, ainda a luz estava acesa!

— Lá se esqueceu de apagar a luz...

— Qual quê! Ao outro dia, quando o sino grande da torre da igreja bateu duas horas da manhã, eu disse: "Joaquim, vamos ver se a luz do quarto do senhor professor está acesa?"

Fomos espreitar e lá estava o quarto todo iluminado! E a noite seguinte a mesma coisa. E na outra. E na outra.

— Porque será? Porque será?'

Os meninos que andavam por perto ficaram entusiasmados com aquilo que ouviram.

— Porque será que o professor fica com a luz acesa?

— Sei lá! Se calhar esquece-se de a apagar...

— Não pode ser! Tu nunca reparaste que ele, antes de sair da escola, vai sempre ver se fica tudo arrumado?

— Lá isso é. Então porque será?!...

— E se um de nós lhe perguntasse?

— Boa ideia!



Uma tarde, depois de tudo estar arrumado, o Tónio, antes que o professor desse as aulas por terminadas, perguntou;

— Senhor professor, há um mistério que ainda ninguém conseguiu descobrir!

Tinha o Tónio acabado de falar, quando se fez um grande silêncio. Podia-se ouvir uma mosca a voar.

— Mistério?! -perguntou o professor.

— Sim — respondeu o Tónio — Todas as pessoas da aldeia cismam por que razão o senhor professor fica com a luz acesa até quase ser dia...

O professor passou a mão pelo cabelo branco e sorriu:

— Ai sim!

— Pois é...

— Acho que podes descobrir esse mistério se quiseres visitar o meu quarto. Quando te apetecer aparece por lá!

Já os meninos regressavam a suas casas e o Tónio a matutar: "Que haverá no quarto do professor?!..." E diziam-lhe os colegas:

— Então Tónio, quando é que lá vais?

— Se fosse eu, ia lá hoje mesmo!

— Havia de abrir bem os olhos e descobrir esse mistério!

— Se tu descobrires avisa a gente!

A solução estava no quarto. E o que estaria no quarto?

Nesse dia, quando a noite veio, por sinal uma linda noite, com uma grande lua, o Tónio comeu o caldo à pressa, poisou a malga e disse:

— Mãe, eu vou falar com o senhor professor.

A mãe ficou admirada.

— Ó filho, é noite, amanhã tens tempo...

O Tónio mentiu:

— Mas o senhor professor disse para eu lá ir hoje mesmo!

— Não te esqueças de limpar as chancas antes de entrares — recomendou a mãe.

Numa grande corrida, as chancas que trazia calçadas a fazerem barulho nas pedras, o Tónio atravessou a rua estreita e daí a momentos parou à porta do professor. A luz estava acesa. Puxou o lenço do bolso e limpou o nariz. Bateu à porta.

Ouviu passos. A porta abriu-se. O professor Miranda apareceu.

— Olá, és tu! Entra, entra...

Quando chegaram ao quarto o Tónio arregalou os olhos. Tanta coisa bonita! Nas paredes, pinturas de paisagens, meninos e cavalos. O que ele mais admirou, foi um quadro de um barco de velas brancas a navegar no azul do mar. O Tónio nunca tinha visto o mar. Encostado às paredes, estantes repletas de livros. Livros de muitas formas e feitios. Havia-os também espalhados pelo chão. Numa mesa que servia de secretária, uma máquina de escrever e muitas folhas dispersas.

Nunca tinha visto tanto livro! E quadros bonitos!

O professor sorria.

— Então, rapaz?!...

Mas o Tónio não disse nada. O professor perguntou:

— Já descobriste?

— O quê, senhor professor!?

— O tal “mistério”...

— Ah! Eu... eu...

— Não?! Então vou tentar ajudar-te! Eu gosto muito de ler e escrever. Ora, como só à noite é que tenho tempo...

— Põe-se a ler...

— Claro — continuou o professor Miranda — de noite, quando não há praticamente barulho, fico aqui entregue aos meus livros, lendo ou escrevendo...

— E o senhor professor escreve todas as noites?

— Sim, quase todas.

— E porquê?... Tem assim tanta coisa para contar todos os dias?!

— Tenho!

— Escreve cartas?

— Poucas. Não é isso que escrevo.

— Então?!... — Tónio estava intrigado.

— Escrevo!...

— Redações?

Mas o professor disse que escrevia histórias.

— Histórias?! Então aquelas...

— Estás a pensar bem. Aquelas histórias que vos conto na escola, sou eu quem as invento e escrevo.

— Ah! É por isso que fica toda a noite com a luz acesa!...

— Ora vê! Já descobriste o “mistério” da luz acesa no meu quarto!

O Tónio riu-se. Depois o professor Miranda dirigiu-se a uma das estantes.

— Olha, disse o professor, vê aqui estes livros?

— Vejo!

— Os que estão neste cantinho, fui eu que os escrevi.

— A sério?! O senhor... o senhor é um escritor? — perguntou o Tónio embasbacado.

— Porque estás tão espantado? Como imaginavas tu um escritor?

— Sei lá. Eu pensava que um escritor era assim um homem muito alto, muito sério, sempre fechado num quarto, a escrever, a escrever.

Tónio sentia-se viajar sobre as nuvens. Nunca poderia imaginar que o professor Miranda escrevesse livros. Porque ele nem era muito alto e falava com todas as pessoas da aldeia. Também não estava fechado no quarto. Era afinal uma pessoa igual às outras. E ele a pensar que os escritores viviam nas grandes cidades, e afinal, à beira dele, estava um escritor!

Lembrou-se de fazer uma pergunta:

— Senhor professor, um livro custa muito a fazer?

— Claro, tudo demora o seu tempo. Há muito trabalho a fazer. Olha, escrever uma história é quase como pegar num arado. Neste caso é a caneta. Escrever é lavrar um



campo que não está cultivado. Lavra-se, grada-se, semeia-se, sacha-se, arrenda-se, rega-se. E lentamente a história vai ficando com forma, vai crescendo, amadurecendo. Num campo, depois do milho estar maduro, é que se corta e se recolhe.

Assim é uma história: ao fim de muito tempo e de muita canseira é que está terminada. Depois, vai para a tipografia, para as máquinas de impressão. E, finalmente, aparece o livro.

— Nunca tinha pensado nisso, senhor professor!

Então o professor perguntou:

— Queres levar um livro para leres?

— Quero.

O professor entregou-lhe um livrinho.

— Lê-o Tónio, fui eu que o escrevi.

O Tónio veio com o livro apertado ao peito, radiante. E só perto de casa é que se lembrou que não tinha agradecido ao professor. Quando entrou na cozinha, a mãe, que estava a fiar lã, ao vê-lo, ficou aflita:

— Que tens filho?

— Não tenho nada, minha mãe!

Mas a mãe conhecia muito bem o filho. Sentia que tinha havido qualquer coisa que o impressionara.

— Que foi? Que te aconteceu?

Então ele disse:

— Ai minha mãe, se visse tantos livros como eu vi no quarto do professor!... E sabe? Foi ele quem escreveu este que trago aqui! Emprestou-mo!

Como a mãe não sabia ler, o Tónio abriu o livrinho na primeira página e começou a ler em voz alta:

— Era uma vez... — O menino deu um salto no banco em que estava sentado: — Mas nós já conhecemos esta história. Não se lembra de eu lha ter contado?

— Sim, sim — disse a mãe, que nunca parava de fiar — mas lê-a, que é muito bonita.

O Tónio leu naquela noite as histórias todas.

A mãe a ouvir, ambos maravilhados.

Mas na casa do Tónio não havia luz elétrica.

Apenas um candeeiro a petróleo alumiaava o pequeno quarto.

A candeia ficou sem petróleo.

A luz começou a tremelicar.

A mãe disse:

— Filho, vamos dormir. A luz está a acabar...